

# A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DA ECOLOGIA COSMOCENA: A PEDAGOGIA COSMOCENA

Vilmar Alves Pereira<sup>1</sup>

A pedagogia cosmocena cunhada por Vilmar se ancora na concepção de um humano integral, capaz de aliar razão e sentimento; corpo e espírito; ser e vir-a-ser; e outras condições ontológicas consubstanciadas pelas diferentes dimensões da epistemologia, ramificados em diversos saberes sem hierarquia. E por isso, elimina-se a primazia que possa existir entre aqueles que sabem, os que fazem ou aqueles que sentem. A linguagem não obedece à rigidez linguística de regras e elitismo, nem se resume em sublinhar somente o texto, mas incorpora outras linguagens à travessia adiante. Por meio da subjetividade, a ecologia cosmocena reconhece os diferentes olhares que interpretam o mundo (SATO, apud, PEREIRA, 2016, Prefácio, p. 14-15).

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar como a Educação Ambiental está intrínseca em cada tese da Ecologia Cosmocena. Estudo de horizonte hermenêutico no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental parte de uma sucinta recuperação da crise ambiental e da demarcação da Era Antropocena, posteriormente retoma as principais teses da referida ecologia, num segundo momento e finalmente demonstra como essa Ecologia pode ser traduzida em princípios educativos cujos movimentos e aprendizagens resultam na Pedagogia Cosmocena.

*Palavras-chave:* Educação Ambiental. Antropocena. Pedagogia. Cosmocena.

## INTRODUÇÃO

Quando apresentamos há dois anos a perspectiva ontológica da *Ecologia Cosmocena* tinha uma reflexão incipiente sobre qual lugar

<sup>1</sup> Professor e Pesquisador no Instituto de Educação e nos Programas de Educação (PPGEDU) e Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), RS, Brasil. Editor Chefe da Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (REMEA). Doutor em Educação, Educador Popular e Ambiental. Coordenador do Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: vilmarpereira@furg.br

da Educação Ambiental ocupa nesse horizonte. Naquela ocasião consideramos que a partir dessa leitura EA será sempre o espaço da reflexão crítica. De denúncias e anúncios. De reposicionamento das perguntas sobre o sentido dos humanos demasiadamente humanos. Do alargamento da consciência e dos sentidos sobre a indústria dos endereçamentos que buscam pauperizar a existência humana. São homens e mulheres que pela racionalidade estratégica contribuem para o extermínio e o encolhimento da vida no planeta.

Também consideramos que EA parece um ponto pequeno nesse universo, mas que assume o papel preponderante no sentido de nos ressituar sobre os caminhos que traçamos. afirmamos que essa ampla discussão não se encontra desconexa das intervenções políticas e principalmente econômicas, economia essa que limita as formas de vida no planeta. Entendemos que a EA deve e pode contribuir com o fortalecimento de redes globais de resistência à lógica antropocêntrica industrial e financeira que ainda sustenta e alimenta a guerra por recursos naturais. Ela pode servir de alternativa para pensarmos um desenvolvimento mais amplo do ser humano do que apenas a estreiteza da lógica financeira. Estou falando do desenvolvimento cultural, intelectual, espiritual das pessoas em suas múltiplas dimensões que possa garantir a qualidade de vida digna. É o que Capra denomina de crescimento qualitativo.

E entre tantas possibilidades de vislumbrar esse alargamento compreensivo da Ecologia Cosmocena afirmamos: “Meu sonho particular é que a EA possa contribuir para que essa ecologia que vislumbramos chegue às escolas, por compreender que a escola é ainda um local privilegiado de formação socioambiental”. (PEREIRA, 2016, p. 73).

Manifestamos que o desafio maior da EA consiste nessa profunda inversão axiológica ampliando ainda mais os horizontes educativos e alargando o sentido e a busca pela compreensão da condição humana no universo: compreensão cósmica. Ela fundamentalmente pode contribuir para a efetivação de um novo acordo natureza-humanidade, para que, quem sabe, possamos salvar a vida no planeta.

Ao sermos convidados a refletir sobre a dimensão ambiental partimos de estudo anterior sobre *Ecologia Cosmocena* que busca orientação a partir do contexto já evidenciado das múltiplas crises:

civilizatória (LEFF, 2006), crise de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2012), crise entre ciência e religião (WILSON, 2008) e, por decorrência, crise socioambiental (LOVELOCK, 2010; BOFF, 2012; LOUREIRO, 2004) e a crise de paradigma, em que o paradigma metafísico, que acreditou ser portador de sentido na busca dos fins últimos da humanidade. Associado a isso emerge muito forte da ideia da era Antropocena que foi oficialmente lançada pelo vencedor do Prêmio Nobel Paul Crutzen, em 2002, na revista *Nature*. Nesse sentido, os cientistas quando assumem essa terminologia, admitem que é resultado dos visíveis níveis de intervenção do humano no cosmos, em especial na Terra. “Estou falando sobre sinais que marcam claramente a era Antropocena como um intervalo separado no tempo geológico. Assim, precisamos mostrar que o termo é geologicamente justificável” (ZALASIEWICZ, 2011).

Em minha compreensão há dois movimentos sobre o entendimento da referida era. Um primeiro que considera que sim, ela já estamos nela. Um segundo, mais cauteloso, que ainda avalia para um emitir um resultado mais conclusivo em termos de reconhecimento.

Aqueles primeiros que vêm estudando essa temática, ao reconhecer que estamos passando da era Holocena para a Antropocena, reconhecem três grandes períodos na história da Antropocena (VALLE; ANDRADE, 2011): 1. Formação da Era Industrial de 1800 a 1945; 2. A grande aceleração de 1945 a 2000 (que ainda continua); 3. O Antropoceno 3.0, em que o movimento desperta para a consciência de si mesmo que emerge mediante a chamada modernidade reflexiva e dos dilemas da sustentabilidade. É consenso entre eles que estamos num período de perdas irreversíveis com mudanças catastróficas, deixando visíveis, cada vez mais, os sinais de mudanças globais alterando tanto a conjuntura biofísica e socioeconômica quanto as dimensões estruturais no que diz respeito ao funcionamento da Terra como um sistema.

Quanto ao segundo grupo, cujos integrantes são arqueólogos, geoquímicos, oceanógrafos e paleontólogos, após reunião realizada em 2016 na Noruega, decidiram adiar para 2018 a oficialização sobre o início do processo de reconhecimento de que a terra já se encontra na era antropocena. Essa informação é da pesquisadora Juliana Ivar do Sul da Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Brasil, integrante do grupo. Mesmo reconhecendo inúmeros indícios

e transformações nas camadas e rochas bem como na superfície do fundo mar pelo excesso abusivo de uso de plástico, demais fragmentos de materiais artificiais e as alterações que deles decorrem por não diluírem, do Sul (2016, p.52) é cautelosa quando afirma: "propor uma era geológica é algo muito complexo (...) precisamos de mais evidências científicas". Mesmo não havendo ainda consenso entre os dois grupos e percebendo a existência de aspectos políticos na referida época geológica, há algo em comum entre ambos: "As transformações ambientais provocadas pela ação humana são tão intensas que já produziram marcas indeléveis no registro geológico do planeta" (IVAR do SUL, 2016, p.52).

Estes são fortes elementos que contribuem para emergência concepção de *Ecologia Cosmocena*. Desse modo, o estudo procurou a partir de oito teses discutir e problematizar: a) *relação Natureza-Humanidade*; b) *Da desaceleração do tempo como garantia de vida*; c) *Da sintonia com novas sabedorias*; d) *Do cuidado como reaprendizagem x consumo desenfreado*; e) *Da descolonização do mundo da vida*; g) *Da condição de incompletude* h) *Do lugar da Educação Ambiental na Ecologia Cosmocena*. É desse cenário que emerge a definição da *Ecologia Cosmocena* como:

uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido de podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas consequentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e consequentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos. Emerge também de uma profunda intuição hermenêutica de que é necessário um reposicionamento humano no cosmos no amplo conjunto das relações que estabelecemos cotidianamente com o universo com o qual nos encontramos conectados. Dessa forma, pode ser vista como ecologia também de ampliação dos sentidos, com a pretensão de alargar a nossa visão cósmica (PEREIRA, 2016, p.45).

No dia em que apresentamos a referida perspectiva uma estudante nos questionou sobre o alcance prático dessa teoria. Respondemos a ela que conforme Habermas (2002), no horizonte do *pensamento pós-metafísico* já não faz mais sentido acentuarmos essa polarização teoria e prática. No entanto ficou latente em nosso pensamento aquela necessidade da estudante e em reflexões buscamos apresentar os elementos de uma *Pedagogia Cosmocena*. Uma orientanda de doutorado está avançando esse alargamento pensando num *Currículo Cosmoceno*.

## A PEDAGOGIA COSMOCENA

Ao vislumbrarmos esse desdobramento primeiro da Ecologia Cosmocena a partir de uma Pedagogia realizamos o esforço por apresentar a dimensão da Educação Ambiental da referida ecologia. Saliento que cada princípio educativo que aqui emerge consiste numa decorrência de uma das oito teses que sustentam a *Ecologia Cosmocena* como vemos:

- 1) Da nova relação Natureza–Humanidade –*Aprendizagem Humanista relacional*;
- 2) Da desaceleração do tempo como garantia de vida – *Aprendizagem como Processo de valorização da vida*;
- 3) Da sintonia com novas sabedorias - *Aprendizagem Hermenêutica dos Saberes não reconhecidos*;
- 4) Do cuidado como reaprendizagem x consumo desenfreado – *Aprendizagem do cuidado*.
- 5) Da descolonização do mundo da vida- *Aprendizagem dos Saberes Primevos*;
- 6) Por um mundo diverso e sem preconceitos- *Aprendizagem com as Diferenças*;
- 7) Da condição de incompletude- *Aprendizagem Transcendental*.
- 8) Do lugar da Educação Ambiental na *Ecologia Cosmocena* – *Aprendizagem do Ambiente inteiro*

### 1) *Aprendizagem Humanista relacional*

A condição humana é uma condição que necessita ser educada. Oriunda da Ecologia Cosmocena a *Pedagogia Cosmocena* reivindica um processo de reaprendizagem na relação clássica humanidade-

natureza. Nesse sentido, diferente de algumas interpretações que ouvimos, de que estaríamos negando com nossa ecologia o papel humano, sugerimos esse esforço de reaprendizagem que contribuirá significativamente no reposicionamento da perspectiva antropocêntrica na direção de um olhar mais abrangente sobre o cosmos. Cabe a tarefa do educador de discutir, problematizar e apresentar sempre o ser humano em sua condição de participe e que ao mesmo tempo é relacional. Assim os diferentes espaços educativos, desde o lar podem sim orientar suas práticas sem dar esse papel exclusivista a humanidade e sim indicando possibilidade de maior integração e por que não dizer, de sensibilidade tão negada nas pedagogias clássicas que concebem o ato educativo como oriundo de uma relação de domínio de saberes, de pessoas e consequentemente da natureza.

Assim, como apenas mais uma outridade nesse universo infinito, aprendemos a sermos mais humildes e por decorrência mais abertos aos novos sentidos. O humanismo se destaca aqui como capacidade de reaprender e capacidade de se reposicionar. Nesse horizonte aprendemos sempre coletivamente com o mundo e com as pessoas numa perspectiva intersubjetiva.

## 2) *Aprendizagem como Processo de valorização da vida*

Vivemos atualmente períodos marcados por intensidade de agendas e escassez de experiências com sentido mais profundo. A denúncia a esses processos intensificados já foi feita pela *Ecologia cosmocena*. Quando sugerimos relação de aprendizagem que valorize a vida estamos considerando uma pedagogia voltada para o respeito dos processos cognitivos, afetivos, espirituais, estéticos, biológicos que não são reconhecidos numa ordem do tempo e por vezes até violentados. Reivindicamos com essa perspectiva a possibilidade de uma vida que deve ser aprendida considerando o nosso desenvolvimento integral respeitando cada etapa e cada situação de aprendizagem.

Uma pedagogia que qualifique a aprendizagem com tempos necessários em cada sujeito. Talvez aqui possa ser significativa a introdução de debates em sala de aula e demais espaços, sobre como nossos educandos lidam e concebem o tempo em suas agendas e como se relacionam com o cosmos. Também possam ser explorados estudos e narrativas que aproveitem de discussões

sobre memória focando em alguns eventos históricos mais recentes e mais longínquos. Pode ser aprendido, como algumas culturas principalmente indígenas valorizavam o tempo no sentido de viver bem. Aprendizagens que possibilitem o reconhecimento das múltiplas formas vivas responsáveis pelo equilíbrio no planeta e os movimentos que ocorrem em todo universo que não são muitas vezes percebidos pelos humanos.

Exemplo disso são os imensuráveis fenômenos migratórios em todo o planeta de um pólo a outro conforme mudam as estações. Tem muita espécie lutando pela manutenção de sua vida o tempo todo. Essa migração está envolvendo os humanos e não humanos numa luta desenfreada pela sobrevivência. Dos pingüins da antártica as renas no norte do Canadá. Migração humana em todo globo dos países africanos e mais recentemente a migração forçada do oriente do Afeganistão para qualquer lugar do mundo na luta pela vida.

Em minha compreensão uma *pedagogia* que a valorize a vida deve reconhecer e considerar esses fenômenos mais amplos até os eventos mais próximos como por exemplos as formas de violência que extinguem cotidianamente a vida. Lemos recentemente mais uma matéria sobre o horror do desastre em Mariana e fiquei em estado de choque, perplexo com o impacto imensurável que esse mundo do barro proporcionou para vida no planeta. Mas mais preocupante é que em tempos de tantas denúncias os responsáveis por tudo isso ainda continuam impunes. Mariana é o exemplo mais contundente que a lógica financeira predomina sobre as demais dimensões de nossa vida.

Para não me estender sugiro então que a pauta da valorização da vida deve ser apreendida e ensinada em todos os espaços formativos.

### 3) *Aprendizagem enquanto Hermenêutica dos Saberes não reconhecidos*

Aprendemos com o campo da filosofia da linguagem e dos estudos hermenêuticos que não somos inventores privilegiados que encontramos e revelamos o mundo aos demais. Na compreensão Hermenêutica o mundo e os humanos só podem ser reconhecidos na e pela linguagem. Esse olhar permite reconhecer que aquilo que constatamos sempre esteve aí, no entanto nós é que não possuíamos abertura para perceber em virtude das concepções prévias e da

forma como fomos educados a partir de leituras homogeneizadoras e monistas.

Partindo desse horizonte, ao estarmos desde já, em relação com o cosmos, por vezes encolhemos e restringimos o sentido sobre a multiplicidade de forma que ele pode ser expressado e compreendido. Há muita sabedoria ainda não percebida no universo infinito. Sugerimos uma *pedagogia* que possa propiciar vivências epistemológicas e ontológicas de abertura compreensiva. E nesse esforço de abertura talvez permitir novos acontecimentos, novos papéis nas relações educativas e fundamentalmente novas aprendizagens, que por conseqüência, permitirão que em nossas práticas educativas possamos expressar novos modos de ser.

Aqui o que se busca não é a inedidade, mas o reconhecimento. Na esfera ambiental, por exemplo, durante muito tempo restringimos o olhar para as questões ambientais com práticas por vezes estreitas conservacionistas dizendo que estávamos com isso realizando Educação Ambiental na Escola. Nessas práticas por vezes priorizávamos uma horta, mas esquecíamos que a EA pressupõe, num primeiro momento, as relações e interações socioambientais.

A *Pedagogia Cosmocena* reivindica essa abertura de possibilidades a muitas sabedorias que ainda não integram nossos currículos escolares e espaços de decisões políticas por que não reconhecemos ou temos dificuldades de reconhecer. Exemplo disso foi em 2015 a grande dificuldade de discutir Diversidade e Gênero nos Currículos Escolares Brasileiros nas aprovações dos Planos Municipais da Educação. Uma grande onda de neoconservadorismo com intolerância religiosa revelou toda sua força e capacidade de resistência em muitos municípios.

A *Pedagogia hermenêutica* deve contribuir para essa abertura compreensiva sobre esses fenômenos das ruas no Brasil sobre a conjuntura política nacional. No momento em que escrevo esse texto vejo com muita preocupação algumas garantias que a anos almejamos com muita luta sendo violentamente ameaçadas. Clima de insegurança e de incertezas. Não temos mais nos currículos escolares OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e nem EMC (Educação Moral e Cívica), mas a sua lógica ainda não se extinguiu movimentos neoconservadores que ressurgem com muita veemência como por exemplo o "Movimento Dogma e a Escola sem Partido". Uma *pedagogia cosmocena* deve colocar tudo isso sob

suspeita e compreensão por que considera que isso tem muito a ver com garantias vitais.

#### 4) *Aprendizagem do Cuidado*

Ao apresentarmos na *Ecologia Cosmocena* como o Sistema Capitalista opera a partir de uma lógica de exclusão e de descuido, procuramos, além da denúncia promover a reflexão sobre as múltiplas formas de descuido desde questões que envolvem catástrofes ambientais, suicídios, migração forçada como única alternativa no oriente e em diferentes países do globo e a principal que são as guerras por empoderamento econômico e político. Nessa perspectiva, as formas de descuido tomam proporções imensuráveis. Em todas elas percebemos praticas de encolhimento da garantia da vida.

Uma *Pedagogia Cosmocena* aponta para a possibilidade de práticas educativas que reconheçam que o ser humano necessita de cuidado como condição primeira. É o que Boff (2006) chama de *apriori ontológico*. Ou seja, é o cuidado que nos torna pessoas. O que estamos sugerindo aqui não se trata de uma disciplina curricular, mas de uma proposta de vida que em diferentes espaços educativos valorize e exercite essa dimensão precedente do ser humano. Não como uma questão de essência, mas como uma questão de necessidade.

Dessa forma, vemos que a Educação Ambiental, deve sim ser uma das instâncias indicadoras desse debate. Assume aqui o papel de crítica contundente as formas de descuido e de olhares que vão desde a percepção mais alargada sobre como nas comunidades tradicionais havia práticas de cuidados inclusive coletivos, até o estabelecimento do debate sobre cultura da paz.

Uma pedagogia que tenha a humildade de reconhecer que o ato educativo é uma forma de cuidado. Também avaliar que muitas vezes permitimos que a lógica do descuido interfira diretamente no campo das nossa dimensão *biopsicosocioambiespiritual*<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup>Utilizarei a partir de agora a palavra *biopsicosocioambiespiritual* ainda não registrado nos dicionários considerando que expressa uma compreensão *cosmocena* daquilo que constitui a humanidade. Por isso ela procura em uma única terminologia agregar as dimensões biológicas, psicológicas, sociológicas, ambientais e espirituais. Cabe salientar que a compreensão já existe, no entanto ao descrevê-la, na maioria das vezes é traduzida por *Biopsicosocial- ambiental e espiritual*. A alteração que faço aqui se dá no sentido semântico de realmente reforçar que essa compreensão no horizonte *cosmoceno* é indissociável.

Assim o cuidado pode parecer algo tão simples, mas fundamental para garantirmos vida digna como defende a *Ecologia Cosmocena*. O horizonte do Pensamento Pós-Metafísico reconhece a necessidade desse olhar que promove de forma não violenta o desenvolvimento das potencialidades humanísticas pela reaprendizagem do cuidado. Busque refletir sobre se em sua prática educativa o quanto de cuidado tem nela. E aqui se entenda prática educativa enquanto modo de ser no e com o mundo.

#### 5) *Aprendizagem dos Saberes Primevos*

A *Ecologia Cosmocena* faz uma forte denúncia a partir dos estudos da chamada Teoria Crítica em especial de Habermas que a racionalidade instrumental voltada a fins, como empoderamento e pelo lucro interfere de modo tão contundente que o mundo do sistema coloniza as relações do mundo da vida. Isso, além de causar inúmeras patologias, também acena para perda de sentido no campo das relações e dos saberes primevos que são de certo modo o pano de fundo de nossa dimensão ontológica.

Já apontamos esse debate em outro estudo quando na *Racionalidade Ambiental Pós Metafísica* afirmamos que no horizonte hermenêutico há um reconhecimento desses saberes primevos e da força dos contextos como fundamentais para a compreensão de nossos estudos e principalmente de nossa vida. De certo modo, ao acenarmos para esse aspecto sugerimos uma *Pedagogia Cosmocena* que tenha o reconhecimento daquilo que Paulo Freire tão bem destacou que a leitura de mundo precede a leitura da palavra. De certa forma, reforçamos aqui, que a nossa forma de agir e de pensar nunca ocorre num vazio e são em sua maioria encharcadas dos contextos.

Indo um pouco além, o horizonte hermenêutico compreende que é na dimensão do mundo da vida que manifestamos nossas primeiras estruturas comunicativas. Essas em geral, estão vinculadas a busca de novos entendimentos, mas também das estruturas afetivas, emocionais, nossas credences, estética, nossas escala valorativa que compõem nosso arranjo existencial. Constatar que o mundo do sistema pode colonizar essa dimensão é preocupante, pois isso impede o desenvolvimento da vida.

Dessa maneira não estamos propondo um retrocesso, mas ao contrário a valorização dessa dimensão primeva no sentido de não

permitir a referida colonização. A perspectiva pedagógica que aqui se vislumbra se refere à possibilidade de que nos diferentes contextos educativos da vida, nossas raízes socioculturais sejam colocadas como dimensão primeira. Outra reivindicação é que os espaços educativos atentem para as estratégias que a racionalidade do malogro e do disfarce vem criando e que interfere no bloqueamento da capacidade comunicativa.

Quando levanto a discussão do forte impacto que as redes sociais vêm tendo sobre nosso modo de ser, não estou de modo algum, apontando para o retrocesso, ao contrário, sugerindo uma pedagogia que aproveite das condições tecnológicas e estimulem a ampliação da comunicação, sem esquecer-se da fala, do olhar, do riso e da escuta. Bauman (2008), nos alerta para o risco da mudança mais radical que ocorre na sociedade de consumidores onde o produtor também se torna mercadoria.

Uma *pedagogia* que reconheça as dimensões autóctones do mundo da vida com toda a sua estrutura poderá além fazer enfrentamento a lógica do isolamento e do bloqueamento da dimensão comunicativa ser promotora e integradora das novas formas sem, no entanto violentar esses saberes pano de fundo que são integrantes de nossa constituição primeira. O desafio aos educadores é sempre partir das questões fundantes sobre: quem somos? De onde viemos? Quais são as nossas referências primeiras? Como é a vida que eu vivo? Quais são minhas credences? Se tenho ou não? O que buscamos? Qual o sentido de estarmos aqui? Para que estudamos? O que meus pais falam sobre a escola?

Cabe aos educadores (as) desenvolverem estratégias de conversar com seus educandos no sentido de acessar seu mundo vivido com suas leituras prévias. Isso não consiste em nenhuma novidade, mas pode ser definitivo no processo de ensinagem.

#### 6) *Aprendizagem com as Diferenças*

Quando na *Ecologia Cosmocena* discorremos sobre a possibilidade de pensarmos e vivenciarmos um mundo diverso e sem preconceitos não estávamos propondo um horizonte metafísico inatingível. Estávamos sim questionando, como é possível, num mundo tão plural e diverso, ainda possa existir pensamentos tão apequenados e engessados que manifestam de múltiplas formas os seus preconceitos.

Não somos especialistas nesse campo de estudo, no entanto temos tido inúmeras vivências na Universidade e fora dela no campo das ações afirmativas que a cada dia reforçam a necessidade de um olhar mais alargado e plural no que concerne ao reconhecimento das diferenças em todos os espaços educativos.

Quando reivindicamos uma *pedagogia das diferenças* fundamentalmente estamos sugerindo uma pedagogia que transcenda a velhas formas de ensinar. Uma pedagogia aberta para o reconhecimento de que a realidade é biodiversa. O reconhecimento de que no contexto atual, os modos homogeneizadores não conseguem mais dar conta e sentido da pluralidade que promove coloridos em todas as dimensões que envolvem o cosmos.

Há pouco conheci uma escola que tem uma estudante transexual e que a família sabe e não assume e a escola sabe e busca encobrir. Questionei esse espaço educativo sobre qual está sendo o alcance dessa formação pra vida dessa criança. Quantas vezes somos cobrados na Universidade, em espaços decisórios, no sentido de justificar a política para estudantes indígenas e quilombolas que muitas vezes possuem coeficiente igual ou superior aos demais, no entanto dos demais estudantes não são solicitadas tais justificativas. E quantas vezes temos que justificar com dados estatístico comprovando resultados sobre a política de cotas a partir da adesão da lei de reservas de vagas 12.711. A política de cotas enriqueceu a universidade publica brasileira. Como é bom ver as camadas populares tendo acesso e permanência na universidade. No entanto ainda ouvimos frases como: "baixou o nível da universidade".

E aqui traríamos ainda inúmeros relatos. No entanto o que propomos pela *Pedagogia Cosmocena* é aquilo Richard Rorty chama de *redescricao*. Capacidade de ampliação de horizontes no sentido de superarmos concepções prévias ainda tão deficitárias redescrivendo de outra forma esse mundo de essências pré definidas. Já existem muitas boas práticas nesse sentido com projetos que merecem todo o nosso reconhecimento e respeito e que já estão inclusive no contexto da Educação Básica. No entanto é necessário que Educação Ambiental possa sempre contribuir na crítica e na busca desse alargamento compreensivo. Educar para o reconhecimento das diferenças pressupõe um grande esforço e inúmeros desvencilhamentos por que a maioria tiveram em sua nossa formação as mesmas compreensões e entendimentos. É fundamental aqui a aprendizagem da abertura hermenêutica.

### 7) Aprendizagem Transcendental

Alguns amigos nos aconselharam a não escrever sobre isso. Apenas para recordar, na *Ecologia Cosmocena* quando apresentamos a tese que fala da dimensão de incompletude defendemos e reforçamos a importância da existência do *Qs Coeficiente Espiritual*, e da *Existência da alma* resultado de estudos em experiência de quase morte no momento em que cérebro morre. O que na verdade estamos propondo é que sendo homem ou mulher de ciência eu posso até não concordar com isso e com todas as outras questões que nos vinculem a alguma transcendência. No entanto temos que respeitar que para algumas pessoas, ou melhor, para bilhões de seres humanos as questões espirituais ocupam e mantém grande relevância em seu modo de ver e viver a vida.

Uma das constatações que ouvimos com frequência nos espaços institucionalizados é afirmarem que escola ou universidade são espaços laicos. Até buscamos desenvolver um esforço compreensivo sobre tal manifestação. Mas no fundo sabemos que os espaços não são laicos por que as pessoas que constituem esses espaços formativos não são laicas. A grande maioria de maneira diversa tem alguma relação com algo transcendental.

Mas como *Pedagogia Cosmocena* pode contribuir com isso? Primeiro assumindo que já superamos há muito a perspectiva pedagógica que confundia educação com instrução. Nessa perspectiva o ato educativo era um ato externo muito próximo de adestramento. Estudos de Rousseau, Pestalozzi e *Hippolyte Léon Denizard Rivail*, apontaram entre os séculos XVIII e XIX que ato educativo não mobiliza apenas as habilidades externas, mas também as internas. É por isso que Rousseau fala em sensibilidade e Pestalozzi defendia a Pedagogia do amor que acessasse o coração. Mais tarde *Hippolyte Léon Denizard Rivail* a partir de seus estudos, vai concluir que o ser educante e educado possui além do corpo a necessidade de educação da sua alma em processo de contínuo aprendizado.

Tendo esses, entre tantos referenciais, a *Pedagogia Cosmocena*, reconhecendo também que uma das crises dos tempos atuais é a crise de sentido, procura compreender o homem como um ser *biopsicosocioambiespiritual*. Isso não significa de modo algum o retorno às práticas de doutrinação através de ensino religioso castrador em muitos casos e limitador das potencialidades humanas. Significa a partir de constatações científicas e experiências vividas

colocar essa dimensão em pauta não como uma nova religião, mas como o debate na busca sentido. Já existem estudos avançados hoje no Brasil nas faculdades de Medicina entre outras reconhecendo na relação com pacientes de que perceber em seu histórico essa dimensão pode contribuir inclusive para melhor qualidade de vida. Devido as nossas concepções prévias e dificuldade em acolhermos as diferenças a escola ainda é um dos lugares que não promove esse debate na transversalidade temática em seus currículos. É claro que isso pressupõe também formação, mas fundamentalmente acolhida do diverso na busca de sentido.

#### 8) *Aprendizagem do Ambiente inteiro*

Sem negar as especificidades de campos de investigação e o respeito profundo pelas dimensões, considero que existe atualmente, fruto da racionalidade científica moderna, certa tendência em fatiarmos a Educação Ambiental. Isso é tão contundente que em alguns debates ficam no esforço de definir se esta ou aquela prática é ou não Educação Ambiental. Desse modo essa tensão permanece como reveladora de sentido. Já apontei na *Ecologia Cosmocena* como concebo a EA e que lugar em minha compreensão ela ocupa no seu horizonte.

Gostaria de reforçar, no entanto, que uma *Pedagogia Cosmocena* deve contribuir para que possamos pensar o ambiente inteiro. E não utilizo isso enquanto chavão, mas enquanto esforço compreensivo de percebermos as relações socioambientais como integrante de ciclos vivos e não vivos nesse universo infinito. Educar assume o sentido a partir do nosso mundo da vida de nos reconhecermos também como seres cósmicos abertos para o mundo. Isso não é uma tarefa fácil pela dificuldade que temos em pensar o ambiente inteiro. Por vezes nos sentimos desconectados desses múltiplos movimentos que transcendem o nosso cotidiano na direção de múltiplas outras possibilidades.

Às vezes não conseguimos dar conta do nosso cotidiano pelo impacto que as agendas materiais ditadas pela lógica do consumo e da sobrevivência causa sobre nossas vidas. Com muita preocupação ouvi algum dia alguém dizer que "meditação é algo pra quem tem preguiça de trabalhar". Fiquei pensando sobre o quanto perdemos a sintonia cósmica. Os povos orientais tiveram grande desenvolvimento em sua sociedade por possuírem em sua cultura duas grandes

dimensões: alta consciência coletiva e um grande respeito e práticas voltadas para o desenvolvimento místico.

O que estamos pretendendo, não é colocar de forma alguma receituários, ao contrário considerar que pela *Pedagogia Cosmocena* esse paradigma do capitalismo imperialista não dá conta de pensarmos o ambiente inteiro. Por isso é necessário que estudemos outras civilizações orientais e latino americanas, inclusive brasileira que ainda mantém ou preservaram algumas reservas que apontam para ampliação de sentido e de garantia da vida. Vemos isso com muita frequência quando visitamos quilombos e aldeias. É a educação integral que permite reconhecer como educativo todas as relações que mantemos no e com o mundo.

## CONSIDERAÇÕES

Este estudo demonstrou a necessidade de uma *pedagogia de horizonte ecológico*. Demonstra princípios da Educação Ambiental na proposição da *Pedagogia Cosmocena* que reforça a necessidade de que todo ato educativo seja também um ato ecológico. Nas oito formas de aprendizagens sustentáveis o estudo reforça também a necessidade de uma abertura compreensiva hermenêutica sobre as relações de ensinagem que transcendem a relação entre humanos, mas estão na direção de profundos diálogos que desde já estabelecemos pela linguagem com o mundo. É uma pedagogia de horizonte ontológico que acena para nossa incompletude superando essa compreensão fatalista do sistema capitalista que encolhe as formas da vida na constatação de que no *antropocena* o predomínio humano define uma era de desencanto, sem utopias. Assim como a *Ecologia Cosmocena*, essa *Pedagogia* é também de ampliação de sentidos e dessa forma se configura como sustentável com possibilidades para que possamos viver melhor.

## ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE CONTEXT OF COSMOCENA ECOLOGY: COSMOCENA PEDAGOGY

### ABSTRACT

This article aims to present how Environmental Education is intrinsic in each thesis of Cosmocene Ecology. Hermeneutical horizon study in the field of the

Fundamentals of Environmental Education starts from a succinct recovery of the environmental crisis and the demarcation of the Anthropocene Age, later it retakes the main theses of the mentioned ecology, in a second moment and finally demonstrates how this Ecology can be translated in educative principles whose movements and learning result in the Cosmocene Pedagogy.

**Keywords:** Environmental Education. Anthropocene. Pedagogy. Cosmocene.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. Sobre Sujeito e Objeto. In: \_\_\_\_\_. *Palavras e sinais: modelos críticos*. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes 1995.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOFF, Leonardo. *As quatro ecologias: ambiental, política e social, mental e integral*. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima 2012.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Tao da física: uma análise entre os paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental*. Cultrix: Rio de Janeiro, 2011.

GADAMER Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. Lisboa: DomQuixote, 1990.

\_\_\_\_\_. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 2001. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Teoría de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus, 2001. v. 2

\_\_\_\_\_. *Pensamento pós-metafísico*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Caminos de bosque*. Tradução: Helena Córtes e Arturo Leite. Madri: Alianza, 1993.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. t.1.

## A Educação Ambiental no contexto da ecologia... - Vilmar Alves Pereira

Ivar do Sul, Juliana A. *Uma nova época na história geológica da Terra?*. Ciência Hoje, v. 333, p. 56-57, n. 2016.

LEFF, Henrique. *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

LOVELOCK, James, *Gaia: alerta final*. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Obras incompletas).

PEREIRA, Vilmar Alves; EICHENBERGER, J. C. ; CLARO, L. C. *A crise nos fundamentos da Educação Ambiental: motivações para um pensamento pós-metafísico*. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, p. 177-205, 2015.

PEREIRA, Vilmar A. *Ecologia Cosmocena: a redefinição do espaço humano no cosmos*. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016.

PEREIRA, Vilmar, A.(org). *Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do Pensamento Pós-Metafísico*. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RORTY, Richard. *A filosofia e o espelho da natureza*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*, Porto, Afrontamento, 2000.

VALE MOLINA, Petterson; CAIXETA, Daniel Andrade. *"Fronteiras planetárias" e limites ao crescimento: algumas implicações de política econômica*. Disponível em: <[http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix\\_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf](http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf)>. Outubro de 2011.

WILSON, Eduard, O. *A criação: como salvar a vida na terra*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

ZALASIEWICZ, Jan. *Antropoceno: cientistas proclamam que estamos no nascimento de uma nova era geológica*. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/06/07/antropoceno-cientistas-proclamam-que-estamos-no-nascimento-de-uma-nova-era-geologica/>>.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *QS: inteligência espiritual*. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.